



Revista Katálysis

ISSN: 1982-0259

Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Curso
de Graduação em Serviço Social da Universidade Federal
de Santa Catarina

Conde, Soraya Franzoni; Alcubierre, Karina Strohhaecker Lisa
Sentidos e percepções de crianças migrantes em Florianópolis
Revista Katálysis, vol. 21, núm. 2, 2018, Maio-Agosto, pp. 358-368
Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Curso de Graduação
em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: 10.1590/1982-02592018v21n2p358

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179659690012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UAEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

ESPAÇO TEMÁTICO: FRONTEIRA, MIGRAÇÕES, DIREITOS SOCIAIS E SERVIÇO SOCIAL

Sentidos e percepções de crianças migrantes em Florianópolis

Soraya Franzoni Conde^{1, 2}<http://orcid.org/0000-0002-5271-6479>**Karina Strohhaecker Lisa Alcubierre^{2, 3}**<http://orcid.org/0000-0003-1164-4381>

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Departamento de Estudos Especializados em Educação, Florianópolis, SC, Brasil (UFSC)

² Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, SC, Brasil (UFSC)

³ Prefeitura Municipal de Florianópolis, Secretaria Municipal de Educação, N.E.I. Colônia Z-11, Florianópolis, SC, Brasil (PMF)

Sentidos e percepções de crianças migrantes em Florianópolis

Resumo: Analisa os sentidos e as percepções de crianças migrantes a respeito de seus próprios processos de migração. A pesquisa foi realizada em uma unidade de educação infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis e contou com a participação de treze crianças migrantes e de uma criança nativa da cidade com idades entre quatro e seis anos. Utiliza como instrumento de coleta de dados o questionário e entrevista realizada com as famílias. Com base no materialismo histórico dialético, foram utilizadas as categorias totalidade e particularidade do fenômeno social migratório. Buscou-se na perspectiva histórico-cultural as bases para compreender as percepções das crianças. As falas infantis revelam o modo como apreendem a totalidade das relações sociais vigentes, deixando claro a classe social que pertencem. Além disso, essas falas também denunciam a forma como as contradições sociais determinam a objetividade da vida social e as subjetividades desde tenra idade.

Palavras-chave: Migrações na Infância. Crianças Migrantes. Famílias Trabalhadoras.

Senses and perceptions of migrant children in Florianópolis

Abstract: This study analyzes the senses and perceptions migrant children have about their migration processes. The study was conducted at a public pre-school in the municipal school system of Florianópolis and included participation of 13 migrant children and one native child from the city from four to seven years old. The data collection instruments were a questionnaire and interviews conducted with their families. Based on dialectical historic materialism, the categories totality and particularity of the migratory social phenomenon were used. The study sought in the historic-cultural perspective the bases for understanding the perceptions of the children. The children's statements reveal how they learn about the totality of current social relations, making clear the social class that they belong to. Moreover, these statements also indicate how social contradictions determine the objectivity of social life and its subjectivities beginning at an early age.

Keywords: Migrations during childhood. Migrant children. Working families.

Recebido em 25.10.2017. Aprovado em 08.02.2018. Revisado em 15.03.2018.



© O(s) Autor(es). 2018 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/deed.pt_BR), que permite copiar, distribuir e reproduzir em qualquer meio, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material, desde que para fins não comerciais e que você forneça o devido crédito aos autores e a fonte, insira um link para a Licença Creative Commons e indique se mudanças foram feitas.

Introdução

Este artigo é parte da pesquisa de mestrado que analisa os sentidos e as percepções de crianças migrantes sobre o processo de migração experimentado junto de suas famílias a partir do contexto de vida e de trabalho. A pesquisa foi realizada em uma Unidade de Educação Infantil (UEI) da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis (RMEF) e contou com a participação direta de treze crianças migrantes e de uma criança nativa, com idades entre quatro e seis anos, e de vinte e três famílias migrantes que responderam a um questionário. Dentre estas, três pais concederam entrevista. Tais crianças e famílias são moradoras de comunidades pertencentes ao Maciço Morro da Cruz (MMC), uma área localizada na região central da capital catarinense, mas que é considerada periférica e caracterizada como um território de precariedade social.

Assim como em Conde (2007, p. 18), “o recorte dessa pesquisa é um recorte de classe”. Embora se saiba que as migrações ocorrem desde tempos remotos e que o discurso contemporâneo destaca que as pessoas migram em diferentes situações e contextos, também sabemos que elas são decorrentes, direta ou indiretamente, das determinações e dos condicionantes históricos da forma capitalista de produzir e reproduzir a vida humana.

Por isso, a análise das migrações sob circunstâncias apenas aparentes, tais como as diferenças étnicas e trocas culturais, seria como um véu sobre os olhos, pois, de fato, não é “possível isolar a criança de suas condições materiais de existência”. (CONDE, 2007, p. 18).

As crianças nos contaram suas memórias. Contaram sobre o que existia *lá* em suas vidas e o que não mais existe *aqui* depois da migração: parentes deixados para trás, a rua como sinônimo de liberdade e de brincadeira, o quintal de árvores e balanços e os amigos que ficaram. Até a sensação do pertencimento ficou para trás. Mas também, e, sobretudo, nos contaram sobre a realidade material que as fizeram *viajar* e se mudar para a nova cidade.

Nosso objetivo foi compreender e analisar os sentidos infantis sobre o fenômeno migratório, sobretudo, o que eles revelam para além da sua aparência *pseudoconcreta*. Procuramos superar a visão descritiva do fenômeno da migração na infância em sua imediatez e buscamos, a partir de um recorte de classe e da relação dialética entre a particularidade e a totalidade, a análise em sua abrangência real e complexa para compreender como o modo sociometabólico de organização da vida social e da produção interfere, condiciona e define a necessidade da migração familiar e como essa realidade aparece nas percepções sobre a realidade desde a mais tenra idade.

Desta forma, as crianças e as famílias revelaram as complexas conexões internas e as leis do movimento sociometabólico do capital que determinam o deslocamento de massas humanas a serem exploradas de forma mais barata.

A criança migrante enquanto sujeito da pesquisa

A criança tem sido, de longa data, objeto de estudo em pesquisas acadêmicas nas mais diversas áreas das ciências sociais. No entanto, muitas dessas pesquisas dizem respeito às crianças e não à sua participação direta. A novidade está no debate acerca das condições em que as crianças tomam parte na investigação científica, revelando uma tendência recente que procura dar espaço e escuta a um dos grupos de sujeitos tradicionalmente mais marginalizados pelos modelos clássicos de pesquisa científica (CAMPOS, 2008).

Ao discutir o lugar da criança na pesquisa, concordamos com a concepção de Mello (2010, p. 183) de que a criança, “ao se relacionar com a cultura, atribui sentidos e significados pessoais ao que conhece” e/ou experimenta. Portanto, a participação ativa da criança na pesquisa enquanto sujeito social nos permitiu compreender que a criança não é um mero objeto a ser estudado, observado, analisado e descrito. Ao contrário, a criança é um sujeito capaz de exprimir pensamentos e ideias, analisar contextos vividos e não vividos, e em sua voz está comprimida uma particularidade social que revela aspectos da universalidade dos fenômenos. Nas palavras de Mello,

[...] ao se relacionar com a cultura, a criança atribui um sentido pessoal ao que conhece. Esse sentido conforma a concepção com a qual a criança, a partir daí, se dirige à cultura para novas apropriações e aprendizados que são promotores do desenvolvimento de sua consciência em processo de formação. [...] Desse ponto de vista, parece fundamental que a pesquisa sobre a criança pequena contemple sua participação também como informante e não apenas como objeto desse processo. (MELLO, 2010, p. 183).

Assim como sugere Luria (2012a, p. 39), começamos “ampliando o contato com as pessoas que seriam nossos sujeitos. Procuramos estabelecer relações cordiais de forma a conseguir que as sessões experimentais

parecessem naturais e não ameaçadoras”. Também levamos em conta *o tempo*, pois, “ajudar as crianças a encontrar formas de se expressar é trabalhoso e consome tempo”. (CAMPOS, 2008, p. 38).

Na dinâmica da entrevista participaram nove crianças migrantes¹ e, então, utilizamos o desenho para que pudessem expressar suas referências acerca de suas cidades natais e da cidade de Florianópolis. Sobre o uso do desenho, compreendemos que ele é um recurso metodológico bastante utilizado em pesquisas com crianças por ser algo comum no cotidiano infantil nas UEs, tornando-se assim, um instrumento de coleta de dados importante. As crianças possuem formas diferentes de expressão que as diferem dos adultos, para os quais a palavra e a frase articuladas predominam. Para as crianças se comunicarem, os gestos, as imagens, os silêncios, as expressões, os desenhos e as palavras são utilizadas das mais variadas formas e nem sempre podemos compreender diretamente este universo de significações, o que requer que tenhamos recursos auxiliares que possam complementar os demais (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008). Neste caminho, o desenho foi utilizado como procedimento complementar às entrevistas no processo de coleta de informações.

Destacamos que a complexidade da alteridade infantil é um desafio para a pesquisa com crianças que se propõe a ir além da descrição das aparências fenomênicas. A perspectiva do materialismo histórico e de suas bases marxianas nos impôs uma percepção acerca das crianças e de suas falas que extrapolou os muros da educação infantil e de suas famílias. Para além das diferenças culturais que as crianças migrantes aparentam e carregam consigo, nossa escolha metodológica permitiu que adentrássemos dialeticamente na análise sobre a objetividade do fenômeno da migração transposta na subjetividade infantil através da fala e da interpretação que as crianças constroem acerca dessa realidade vivida.

Sentidos e memórias da objetividade vivida

A migração até pode ser encarada, inicialmente e aparentemente, como o resultado de um desejo e/ou projeto de vida (DEMARTINI, 2010) individual construído a partir da subjetividade do sujeito que migra. No discurso neoliberal, esta visão é produzida e reproduzida, amparada pelo viés individualista da liberdade do sujeito em poder circular *livremente* e é responsável pelas mazelas da própria vida. Porém, para além das aparências discursivas da livre circulação e escolha dos indivíduos, o trabalho e a busca por um salário maior se apresentam como fatores condicionantes/condicionados e comuns nesses deslocamentos. Desta forma, o desejo subjetivo carrega em si, a materialidade objetiva de vida e o anseio de ter um trabalho que garanta, minimamente, a reprodução social da vida familiar.

Nossas análises revelam que as migrações são produto de determinações históricas, sociais e econômicas objetivadas pela hegemônica forma sociometabólica de organizar a vida humana nas relações capitalistas de produção (ALCUBIERRE, 2017). Essa *forma* permeia a subjetividade dos sujeitos e os conduz primeiro pela necessidade, e isso vai além de sua verdadeira liberdade, mesmo que não seja de forma consciente. Além disso, existe algo que também é comum: os migrantes, inclusive as crianças, têm suas vidas marcadas pelos contextos nos quais viveram, por pouco ou por muito tempo. São sujeitos carregados de historicidade e do advérbio *lá* que antecede muitas de suas falas².

Porém, não é comum a criança migrante ser questionada sobre a sua migração. Assim como constatamos nas análises bibliográficas, realizadas na dissertação que deriva este artigo, também não são comuns os estudos e pesquisas sobre migrações na infância. Mais difícil ainda, são aquelas que têm em seu corpo metodológico a escuta das crianças. Para Lopes (2003), os sentidos elaborados pelas crianças pequenas são determinados pelas situações concretas em que vivem e pelo mundo real construído ao redor delas. Nesse mesmo sentido, Vigotski, ao realizar análises sobre a fala das crianças, escreve que a palavra:

[...] adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala (VIGOTSKI, 2008, p. 181).

Por isso, ao questionarmos diversas situações entre a vida em suas cidades de origem e em Florianópolis, as crianças buscaram fatos de suas realidades que representaram as particularidades do fenômeno das migrações e revelaram proximidades com os conceitos de migração nas esferas social, demográfica e econômica. Isso condiz com a análise de Marx (1962 apud MELLO, 2007, p. 87) ao demonstrar que “o ser humano se apropria das qualidades humanas ao se apropriar dos objetos da cultura histórica e socialmente criados”. Nas palavras de Marx,

[...] todas as suas relações com o mundo – ver, ouvir, cheirar, saborear, pensar, observar, sentir, desejar, agir, amar – em suma, todos os órgãos da sua individualidade, como órgãos que são de forma diretamente comunal, são, em sua ação objetiva (sua ação com relação ao objeto) a apropriação desse objeto, a apropriação da realidade humana. (MARX apud MELLO, 2007, p. 87).

Por isso, a palavra migração, por ainda não ter um significado para elas, foi pouco utilizada em nossas perguntas às crianças, já que “entre 0 e 6 anos, o mundo da cultura se abre pouco a pouco para a criança em sua complexidade [...]” (MELLO, 2007, p. 90), o que significa que, como a migração é um fenômeno totalmente novo experimentado por essas crianças, a sua definição está em construção, assim como outros significados sociais. Desta forma, o signo migração apareceu a partir de conceitos já conhecidos por elas, como o de mudar, viajar, estar em férias e/ou trocar.

Trata-se de filhos e filhas da classe trabalhadora que migram para ter acesso ao trabalho, à renda, a uma vida melhor e menos violenta. Na nova cidade, permanecem na condição de trabalhadoras assalariadas, exploradas, precarizadas, flexíveis e continuam a conviver com os problemas urbanos.

As primeiras coletas de vozes, dos sentidos e das memórias aconteceram em um parque. “*you want to hear my story now?*”, ou então, “*do you remember what you said yesterday that you wanted me to tell my story? Do you want me to tell you now?*”. Diante de tais pedidos, decidimos não esperar o momento das dinâmicas/entrevistas para ouvi-las. Percebemos que elas gostam de falar quando tem alguém para escutá-las e isso nos remete a concordar com a emergência em promover pesquisas que as ouçam (DEMARTINI, 2015).

Diante das transformações no mundo do trabalho e da atual conjuntura social, é explícito que muitas famílias fazem parte da maioria da população brasileira que está sujeita à precarização cada vez mais intensa das relações de trabalho. Estas são caracterizadas pela terceirização e alta exploração, pelo trabalho simples, que exige pouca escolaridade, pelo trabalho autônomo, pelos baixíssimos salários e pela flexibilização dos sujeitos. Também fica evidente que as atividades profissionais corroboram as características das ocupações da maioria dos migrantes que vêm a Florianópolis em busca de trabalho e renda. Ficou claro que a migração das famílias pesquisadas é, eminentemente, condicionada pela necessidade dessa busca.

Além disso, a partir das falas das entrevistas e dos questionários respondidos, pudemos perceber que o trabalho, de fato, é o motivo central em suas experiências migratórias e isso corrobora as análises migratórias sob a perspectiva do trabalho. São pais e mães, trabalhadores expropriados de suas condições de reprodução de vida e de trabalho em suas cidades natais que, sob a aparência da busca por qualidade e melhores condições de vida ou pela busca de melhores oportunidades profissionais, migram.

As crianças, filhos e filhas destas famílias, denunciam essa realidade em suas vidas, evidenciando como elas não deixam de estar sujeitas às complexidades do mundo do trabalho, apontando que, de acordo com suas singularidades e alteridades, percebem este movimento e são afetadas por ele sofrendo as mesmas intempéries do contexto social no qual estão inseridos seus familiares. Nesse sentido, Lopes defende que existe

[...] uma estreita ligação entre a *vivência da infância e o local onde ela será vivida*, pois cada grupo social não só elabora dimensões culturais que tornam possível a emergência de uma subjetividade infantil relativa ao lugar, mas também designa existência de locais no espaço físico que materializa essa condição. [...] Dessa forma, associando-se diferentes feixes culturais que estabelecem o que é ser criança e incorporando o espaço como um deles, os diferentes grupos elaboram lugares onde as crianças podem construir suas territorialidades e constituir suas identidades locais, criando uma estreita relação entre identidade infantil e os territórios de infância. (LOPES, 2003, p. 42, grifo do autor).

Assim, as crianças migrantes que foram ouvidas nos contaram de suas territorialidades. O lugar³ delas ainda não é demarcado pela cidade de Florianópolis, seus territórios de infância ainda são suas cidades de origem. Por isso, muitas crianças, ao serem questionadas sobre porque haviam *trocado* de cidade, responderam negativamente, que Florianópolis não era a cidade delas. Foi o caso da Laura, ao dizer que: “*aqui não é a minha cidade, eu só tô de viagem*” e do Lucio, ao relatar que sua família “*não vai morar aqui pra sempre, não. A gente vai pra Bahia. Eu tô de férias aqui. No outro dia eu vou voltar pra Bahia*”.

A Tabela 1 permite identificar o perfil das crianças participantes da pesquisa e suas percepções sobre a vinda à Florianópolis. Também mostra a resposta das famílias quanto aos motivos da migração. Nota-se que as respostas das famílias, comparadas às das crianças, trazem os mesmos elementos que caracterizam a busca pelo trabalho como fator principal e evidenciam a pertença à classe trabalhadora.

Tabela 1 - Perfil das crianças, trabalho dos pais e motivos da migração

Criança/Idade/ Cidade	Trabalho do pai e da mãe	Segundo resposta da criança, porque a família migrou.	Segundo resposta dos pais, porque a família migrou.
Lia/4 anos/ Vigia-PA	—	<i>“Meu pai achava lá muito chato. Acho que é porque ele não queria trabalhar lá”</i>	Não informado
Mara/6 anos/ Serrinha-BA	Pedreiro e auxiliar de cozinha	<i>“Pra minha mãe trabalhar, agora aqui ela trabalha, lá não”</i>	Estava difícil encontrar emprego e lá a saúde é ruim
Carla/4 anos/ Biritinga-BA	Camareiro e balconista	Não soube responder	Era difícil encontrar emprego
Maria/5 anos/ Feira de Santana-BA	Eletricista e operadora de balança	<i>“Porque a minha mãe quis, aqui ela me colocou na creche e vai trabalhar no shopping. Lá eu não ia pra creche”</i>	Passávamos necessidade por não ter trabalho
Laura/5 anos/ Eunápolis-BA	Mãe: auxiliar de cozinha	<i>“A gente viajou pra minha mãe ganhar muito dinheiro aqui. [...]. Ela vai ganhar bastante dinheiro e aí vai dar pra gente comprar roupas, calças e outras coisas mais”</i>	Por ter se separado do companheiro
Ester/5 anos/ Rio de Janeiro-RJ	—	<i>“O meu pai disse pra minha mãe vir pra cá porque lá não tinha muito trabalho não”</i>	Não informado
Fábio/5 anos/ Piratuba-SC	Engenheiro eletricista e vendedora autônoma	<i>“As coisas são caras e tinha que trabalhar mais aqui”</i>	Pai foi transferido pela empresa
Teresa/6 anos/ Serrinha-BA	Vidraceiro e caixa de supermercado	<i>“Eu viajei pra cá porque lá não tinha outro emprego, só tinha barracas. Minha mãe falou que não tinha trabalho lá, só barraca, não tinha nenhum trabalho, só tinha barraca”</i>	Estava difícil encontrar emprego e não tinha mais trabalho.
Lucio/6 anos/ Serrinha-BA	Carpinteiro e auxiliar de serviços gerais	<i>“Pra ganhar dinheiro pra construir a nossa casa”</i>	Estava difícil encontrar emprego e o salário era muito baixo.
Ricardo/6 anos/ Serrinha-BA	Carpinteiro e auxiliar de cozinha	<i>“Porque meu pai já tava aqui e ele queria trabalhar pra comprar um carro e uma moto. Mas agora meu pai saiu fora do trabalho e ele tá em casa todos os dias”</i>	Estava difícil encontrar emprego e o salário era muito baixo.
Michele/5 anos/ Serrinha-BA	Mãe: serviços gerais	<i>“Minha mãe que teve ideia de vir pra cá. Ela separou do pai”.</i>	Estava difícil encontrar emprego
Ana/5 anos/ Macapá-AP	Mãe: auxiliar de cozinha	<i>“Minha mãe não tinha trabalho. Ela tinha trabalho, mas às vezes ela não ia trabalhar porque tinha pouco trabalho”</i>	Estava difícil encontrar emprego e o salário era muito baixo.
Vanessa/6 anos/ Rio de Janeiro-RJ	Comerciante e desempregada	<i>“É porque no Rio de Janeiro tinha muito bandido”</i>	Violência urbana
Sandra/6 anos/ Florianópolis-SC	Administrador e assistente social	<i>“Eu acho que é porque teve um furacão lá e porque lá, eles estão enjoados e querem conhecer outros lugares. O furacão deve ter destruído a cidade”</i>	Pais são nativos

O contexto social, verificado na coleta de dados dos questionários respondidos, revelou que, dentre as 23 famílias, equivalendo a 51 adultos em idade economicamente ativa, existem muitos migrantes vindos da região

Nordeste do Brasil, mais especificamente do estado da Bahia. Muitas destas famílias não são migrantes pela primeira vez; 43% delas vieram para a cidade de Florianópolis sem saber onde poderiam se instalar; 70% moram em casa alugada e 67% apontam como motivo a dificuldade de encontrar emprego e o salário muito baixo nas cidades de origem. Em relação ao salário recebido atualmente, 74% das famílias recebem até três salários mínimos, o que significa que, mesmo após a migração, estas famílias possuem baixa renda, revelando a ilusão de ter a migração como solução para a falta de trabalho; 29% dos adultos possuem ensino fundamental incompleto; apenas 8% completaram o ensino fundamental; 20% possuem ensino médio e 6% não o completaram; 6% deles entraram em faculdades, porém não as completaram e, apenas 4% destes adultos possuem ensino superior.

Ao relatarem que em Florianópolis “*tem trabalho*” e que “*lá não tem emprego*”, as famílias denunciavam as desigualdades entre as diversas regiões e cidades do país, revelando o produto do formato contraditório das determinações impostas pelo capital. Escancaram que não migram porque querem, mas migram porque necessitam sobreviver.

Adiante, analisamos que os territórios de origem das crianças migrantes carregam suas identidades e, ao *mudarem* de lugar, as crianças mudam a maneira com que estavam acostumadas a ver o mundo. Remetendo-nos ao processo de humanização (MELLO, 2007), este sofre um rompimento e uma troca nas relações sociais. Ao relatar que em sua cidade “*é melhor porque tem a minha família lá, todos nós se amamos e tem a minha família inteira lá*”, Maria declarou o quanto suas relações familiares e sua interação com o mundo, ou seja, seu processo de humanização, provém das relações construídas e mediadas em determinado grupo, mais especificamente em sua família.

O desenho de Carla (quatro anos) representou essa estreita ligação sócio-espacial que existe entre a criança e a família como sendo o seu ambiente de identidade e de território. Ela representou a família com quem vivia (mãe, pai, tios, primos e avós) na Bahia. Ela não desenhou todos os parentes, mas nos contou a respeito deles. Ao questionarmos porque não os havia desenhado no espaço que representa a sua casa ela respondeu: “*é porque eles estavam trabalhando nessa hora*”. Conforme Vigotski (2010, p. 135), nesta fase “a criança desenha de memória. [...] as crianças não desenharam o que veem, mas sim o que conhecem”, neste sentido, as crianças desenharam mais as suas impressões do que os objetos reais em si e, é por isso que, para Carla, não houve a necessidade de representá-los para que, de fato, eles estivessem no desenho.

Neste caminho, Ana nos contou que “*queria ficar aqui*”, mas gostava do seu pai que ficou em Belém-PA. Vanessa também demonstrou experiência semelhante à de Ana. Nascida na cidade do Rio de Janeiro, sua vinda para Florianópolis, segundo sua interpretação, foi porque “*lá era bom, mas tinha muito ladrão lá no Rio*” e por isso preferia “*ficar aqui*”.

Conforme Luria (2012a, p. 58), “a autoconsciência crítica era (é) um produto final de um desenvolvimento psicológico socialmente determinado [...]”. Completando esta análise, em outro artigo, o autor pontua que:

[...] o desenvolvimento mental da criança ocorre não apenas sob a influência da realidade objetiva (ela mesma resultante da história social), mas também sob a influência constante da comunicação entre a criança e os adultos. [...] Tendo aprendido a fala dos adultos e, em seguida, tendo aprendido a formar a sua própria linguagem, com o auxílio desta, a criança começa a recodificar informações que chegam; quando ela nomeia os objetos e os classifica com o sistema verbal, [...] ela começa novamente a analisar e classificar as impressões obtidas a partir do mundo exterior e a examinar as informações recebidas. Aparece a percepção por intermédio da fala [...]; forma-se uma nova estrutura de memória que se torna lógica e intencional [...]; surgem novas formas de atenção voluntária [...] e novas formas de experiência emocional da realidade [...] (LURIA, 2012b, p. 197).

Foi importante compreendermos essa definição histórico-cultural da linguagem, pois é por meio da apreensão da fala e do seu desenvolvimento que as crianças nos dão respostas e suas impressões sobre o mundo. Além disso, é por volta da fase dos quatro aos seis anos (a idade pré-escolar descrita pelos estudos da psicologia histórico-cultural) que as formas primitivas da consciência são superadas por formas mais complexas de análise de informações. Segundo este mesmo autor, “é neste importante período do desenvolvimento infantil que nós encontramos as formas iniciais de distinção entre o eu e o mundo circundante, o aparecimento da autoconsciência [...] e as formas primárias de controle voluntário consciente do movimento [...]” (LURIA, 2012b, p. 196).

Nos momentos das dinâmicas/entrevistas, para as quais levamos as fotografias das cidades e contamos com o uso do aplicativo *Google Earth* para ouvir as falas infantis e, a partir de suas reações ao olharem as imagens (sorrisos, suspiros, movimentos corporais, exaltação), evidenciamos o quanto as crianças migrantes ainda detêm um forte vínculo de pertencimento com *os seus territórios*. As expressões, os olhares e as reações corporais das crianças nos possibilitaram essa compreensão.

As três famílias que foram entrevistadas nos ajudam a afirmar como o enraizamento no lugar social em que as crianças viviam antes é carregado da noção de pertencimento social que difere das sensações que elas possuem do lugar em que vivem atualmente, após terem migrado. A fala de um dos pais revela isso. Segundo ele, sua filha

[...] não queria vir. Por causa dos colegas, dos primos. Ela tem uma prima que mora do lado da nossa casa, de parede, com uma diferença entre elas de quatro dias. Elas eram muito apegadas, ela chorou muito. [...] Ela ficou triste, muito triste mesmo. Não só ela como todos nós. Mas assim, a dificuldade falou mais alto. Não adiantava mesmo. Minha mulher até hoje fala. Nós trabalhávamos cada dia em uma cidade e lá criamos uma família assim, entendeu? Sabe? [fica emocionado] Foi difícil.

Desta forma, é visível como o pertencimento e o enraizamento estão carregados de experiências sensoriais, afetivas e emocionais. Os referenciais infantis, como o quarto, os bichinhos de pelúcia, os amigos, a melhor amiga, as cores, a casa, são os elementos que compõem o espaço destas crianças, a pequena história de vida delas e, ao serem separadas, são afetadas e levam suas histórias consigo. A fala de Laura revela como tais referenciais representam esse pertencimento:

Quando eu ficava lá na minha cidade eu ficava brincando de boneca. Eu tinha uma casa de boneca, mas agora eu não tenho mais. Eu quero uma casa de bonecas aqui. Eu também tenho uma bicicleta da gatinha Marie lá na minha cidade. Não deu pra levar porque a bicicleta não cabia na mala.

Também no desenho de Ricardo (seis anos) apareceram muitos destes elementos que atuam como referência de sua história. Ele desenhou seu melhor amigo, “*esse é o meu amigo, meu melhor amigo. Ele ficou lá na Bahia e eu sinto muito a falta dele*”. Representou o seu falcão, uma espécie de ave de rapina, “*esse é o meu falcão que ficou lá, meu vô cuida dele agora. Eu ligo pra ele e falo assim: vô, cuida do meu falcão, viu?*”. E desenhou sua casa em Florianópolis, “*essa é minha casa, com o meu quintal que eu brinco de carrinho. Ela é pequena, não é igual a da Bahia, mas eu brinco*”.

Adiante, ao questionarmos sobre se gostariam de voltar às suas cidades, as seguintes crianças responderam:

Eu morava lá numa casa de tijolos. Minha casa lá era grande. Eu tinha um quarto só pra mim, mas aqui a minha casa é pequena. Só dorme eu e o meu pai, a minha mãe e a minha irmã dorme no delas. Lá era grande e tinha um monte de coisas pra brincar e fazer. (RICARDO).

Lá era beeeem legal, lá. Eu tinha brinquedo. Eu tinha uma mesa, sofá, boneca, as minhas primas, as Barbies, a Frozen. Eu tinha tudo! (MICHELE).

A gente vai voltar pra lá. Lá tinha um rio e daí é onde eu pedia pra ir. No rio eu vi um golfinho e um filhotinho. Um dia eu nadei lá e eu toquei num deles e ele jogou água na minha cara [sorri e suspira]. (ANA).

As três realidades transpostas pelas memórias destas crianças denunciam a realidade migratória de suas famílias que, cercadas de ilusões, não alcançam, ou demoram a alcançar as condições materiais de vida tão esperadas.

No desenho de Ester (cinco anos), foi possível comparar as representações dela sobre a sua vida no Rio de Janeiro e em Florianópolis. Ela registrou a casa de sua melhor amiga que, segundo ela, era o seu lugar preferido e desenhou a casa em Florianópolis. Como escrevem Natividade, Coutinho e Zanella (2008), a partir da perspectiva histórico-cultural,

Como a criança desenha o que significa da realidade, pode-se dizer que, ao desenhar, ela objetiva a sua subjetividade, a realidade tal como a significa, significação essa por sua vez constituída a partir dos muitos outros com os quais convive/dialoga e dos sentidos que circulam nesses contextos. Sendo assim, compreende-se que o desenho expressa não apenas fantasia, mas também aquilo que a criança se apropria e o que ela significa da realidade. (NATIVIDADE; COUTINHO; ZANELLA, 2008, p. 15).

Notamos que, no desenho de Ester, a casa de sua amiga estava carregada de elementos (flores nas janelas, telhado colorido, porta detalhada, a praia em amarelo) que representaram o afeto e a alegria dela sobre aquele ambiente. Além disso, Ester se desenhou nesta casa, ao lado de sua amiga. Já o desenho de sua casa em Florianópolis foi feito de forma simples, sem elementos que carregam especificidades ou complexidade,

apenas estava registrada a sua forma generalizada (a casa com paredes, janela e porta). Conforme Vigotski (2010), o desenho nesta idade, é representado pelo simbolismo contido nele, ou seja, é o pensamento e as emoções da criança que se objetivam nele expressando a sua memória, ou seja, é quando ela “libera seus repertórios de memória através do desenho”. (VIGOTSKI, 2010, p. 136).

Ao liberar seus repertórios de memória, Ester configurou a realidade da qual sua família precisou abrir mão, revelou o que significa ser migrante na atual configuração de exploração que vive a classe trabalhadora. Ester, assim como as demais crianças e suas famílias, vive o processo expropriatório da vida demarcada pelo *lugar* (LOPES, 2003) construído socialmente. As crianças denunciam que as expropriações não advêm somente do ato clássico da expulsão de terras ou pelo traço central econômico, mas subjazem na supressão dos modos de vida que se configuram pelo crescente desenvolvimento da desigualdade social. Ao terem de abandonar lugares e laços afetivos construídos para acompanharem a jornada incerta de suas famílias à procura de trabalho, as crianças deixam clara a situação real que vivem milhares de migrantes trabalhadores expropriados e transformados em levas crescentes de populações disponíveis para o mercado. Como escreve Fontes (2010, p. 88-89):

A expropriação não pode ser considerada como um fenômeno apenas econômico, uma vez que é propriamente social, mesmo se parcial ou limitada. Trata-se da imposição – mais ou menos violenta – de uma lógica da vida social pautada pela supressão de meios de existência ao lado da mercantilização crescente dos elementos necessários à vida, dentre os quais figura centralmente a nova necessidade, sentida objetiva e subjetivamente, de venda da força de trabalho. [...] As expropriações não se expandem sozinhas, de maneira mecânica, segundo leis abstratas do funcionamento geral do capital, ainda que sejam uma condição geral de sua expansão. Como já lembramos anteriormente, nem sempre a expropriação resulta imediatamente na relação capital trabalho, podendo também descambar para modalidades híbridas ou mesmo meramente de rapina. [...] Se não é abstrata e conduzida por um mecanismo rígido e cego, é, entretanto, difusa e generalizada, ocorrendo, em cada país ou caso concreto, sob pressões diversas. Resulta, contudo, em seu conjunto, na produção de levas crescentes de populações disponíveis para – e necessitadas de – vender força de trabalho, para assegurar sua existência, crescentemente dependente de mercados.

Desta forma, percebemos como as crianças migrantes e as interpretações de suas realidades configuram a particularidade de um fenômeno social que, em sua totalidade, é produto das relações capitalistas e que apresentam, a cada momento histórico, formas difusas, mas generalizadas de expropriação, ao mesmo tempo em que simbolizam o formato da expropriação nas realidades infantis das crianças da classe trabalhadora.

Marx e Engels (2007) escreveram que os determinantes sócio-produtivos condicionam nossas vidas, ao mesmo tempo que, dialeticamente, é a partir deles que formamos consciência e, desta forma, produzimos nossas representações.

Thompson (2002, p. 17), nesse mesmo sentido, ao analisar a formação da classe operária durante o período das revoluções industriais na Inglaterra, afirma que “o fazer-se da classe operária é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica” e, desta forma, se antes “as mutáveis relações de produção e as condições de trabalho mutáveis da Revolução Industrial não foram impostas sobre um material bruto, mas sobre ingleses livres [...]”, utilizando o raciocínio de Thompson (2002), a classe que migra em busca de trabalho forma a si própria tanto quanto já foi formada pelas inúmeras forças impostas e imprimidas do real.

Além disso, remetendo-nos ao que Natividade (2007, p. 64) ponderou em sua pesquisa, “é importante apontar que, mesmo pautando-se em suas experiências, é possível aproximar as falas das crianças [...]” e relacioná-las às análises teóricas que configuram as formas dadas ao trabalho em seu formato capitalista – trabalho assalariado –, que imprime valor de troca ao trabalhador como mercadoria a ser vendida (MARX, 2015), através desta venda, e somente por ela, que os pais destas crianças conseguem “ganhar dinheiro”, obter renda para “comprar um carro e uma moto”, ou seja, para consumir, suprir as necessidades imediatas e participar da sociedade de consumo de mercadorias. E, como dizem que “lá não tinha dinheiro”, “não tinha muito trabalho”, “tinha pouco trabalho”, “não tinha outro emprego” e porque “não tinha nenhum trabalho”, as famílias precisaram “mudar”, precisaram migrar. Como nos relatou um pai entrevistado,

[...] ela chorou muito. [...] Ela ficou triste, muito triste mesmo. Não só ela como todos nós. Mas assim, a dificuldade falou mais alto. Não adiantava mesmo [...]. Lá é nota mil. Você nasceu lá, todos gostam de você, todos te conhecem, sempre tem um churrasquinho no final de semana, uma festa, um aniversário, você sempre é convidado, sabe? Lá é nota mil. Mas aqui, se lá é mil, aqui está em 100 ainda. Nós não conseguimos ainda se envolver com muita gente.

A família, os amigos, as relações, a tristeza, os modos de vida, o “*churrasquinho do final de semana*”, o clima, as identidades territoriais não são suficientes para fazer com que essas pessoas permanecessem em seus locais de vida e de história. São sujeitos condicionados pela economia, pelo mercado, pela crise do capital que transformou o desemprego não mais limitado ao “*exército industrial de reserva*”, mas, contraditoriamente, assumiu um caráter crônico, desumano, “[...] como ‘desemprego estrutural’, sob a forma de autojustificação, como se ele nada tivesse que ver com a natureza perversa do seu adorado sistema” (MÉSZÁROS, 2007, p. 89) atuando assim como um impulsionador de milhares de famílias que se vêem conduzidas a viverem em outros espaços sem saberem se um dia retornarão aos seus lugares, aos seus territórios.

A criança Sandra, seis anos, nativa de Florianópolis, sabia porque tantos amigos vinham do estado da Bahia para morar em Florianópolis. Sua fala, apesar de vir carregada de elementos fantasiosos, reflete concretamente, através de metáforas inconscientes, a realidade econômica por qual passa o estado baiano. Segundo ela,

Acho que meus amigos vieram morar aqui porque na Bahia passou um terremoto com furacão e aí não tem mais cidade lá, não tem prédios bonitos igual tem aqui. E também, eu acho que é porque lá eles estão enjoados e querem conhecer outros lugares. O furacão deve ter destruído a cidade. Eu acho que é por causa que eles querem conhecer aqui. Acho que é porque aqui é bonito, tem várias coisas legais, tem muito mais coisas, tem o centro da cidade. Lá não deve ter muitos prédios, eu acho que também os prédios são baixos e as casas são sem piscina. Tem mais comida diferente aqui, tem lanche fora de casa, acho que lá só tem dentro de casa. Eu vi na internet. Lá dizia que não tinha parque, só pracinhas. Não tinha balanço de pneu. Também acho que não tinha trabalho lá pros pais dos meus amigos e aqui tinha. (SANDRA).

Sua análise possui elementos próprios das crianças que buscam explicar os fenômenos sociais a partir daquilo que conhecem e vivem. As crianças da pesquisa moram rodeadas de prédios altíssimos e luxuosos que carregam imponência e riqueza. Sandra, ao dizer que “*lá não tem prédios bonitos igual tem aqui*”, mesmo sem conhecer o estado da Bahia, traz essa interpretação na fala que foi nitidamente constituída por aquilo que ela vê, observa e sente.

Considerações finais

Os dados coletados evidenciam que as crianças migrantes vivem uma condição de territorialidade “[...] e de infância de forma fragmentária, encostada, sobretudo, em lembranças de lugares, onde o ‘lá’ aparece mais do que o ‘aqui’”. (LOPES, 2003, p. 158).

As falas mostram como essas crianças migrantes estão inseridas no contexto de classe. Trata-se de filhos e filhas da classe trabalhadora que migram para ter acesso ao trabalho, à renda, a uma vida melhor e menos violenta. Na nova cidade, essas pessoas permanecem na condição de trabalhadoras assalariadas, exploradas, precarizadas, flexíveis e continuam a conviver com os problemas urbanos.

As falas refletem a totalidade das relações sociais vigentes, bem como a inerente contradição entre capital e trabalho, denunciando como os determinantes sociais e objetivos da vida condicionam os trabalhadores a migrarem para a reprodução mínima de suas famílias. Também evidenciam como elas são sujeitos em formação disciplinar para o mercado instável e flexível desde a mais tenra idade, prontas para caírem no mercado de forma desenraizada e sem direitos, assim como seus pais.

A palavra migração ou o verbo migrar não estão presentes nas falas representadas pelos conceitos e significados sociais das crianças. Por outro lado, o sentido de migrar está materializado na experiência delas e de suas famílias, sem terem ainda um nome que possam dar a essa realidade.

Diante disso, urge a necessidade de contribuições na construção do campo de pesquisa sobre infância e migrações, acerca desta infância que foge, que transita, que muda, que *viaja*, que busca, que é expropriada de seus territórios de origem, de seus lugares e que caem na estrada com seus pais pela necessidade de trabalho, renda e vida. Que possamos criar resistência através destes estudos e destes questionamentos na direção única da transformação radical e profunda da nossa sociedade para que seus sujeitos a experimentem por escolha e não com uma necessidade inerente à luta pela sobrevivência.

Referências

ALCUBIERRE, K. S. L. *Crianças migrantes: sentidos e memórias da objetividade vivida*. 2017. 285 f. Dissertação (Mestrado em Educação)—Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

- CAMPOS, M. M. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S. H. V. (Org.). *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 35-42.
- CONDE, S. F. *Trabalho invisível*. 2007. 94 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política)–Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- DEMARTINI, Z. de B. F. Imigrantes: entre políticas, conflitos e preconceitos. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 49-75, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11917/13694>>. Acesso em: 04 nov. 2016.
- _____. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FÁRIA, A. L. G. de; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (Org.). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 1-18.
- _____. Trabalho e infância em famílias imigrantes. In: ARROYO, M. G.; VIELLA, M. A. L.; SILVA, M. R. da. (Org.). *Trabalho infância: exercícios tensos de ser criança: haverá espaço na agenda pedagógica?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p. 367-396.
- FONTES, V. M. *O Brasil e o capital-imperialismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde; Fundação Oswaldo Cruz; Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venancio, 2010.
- LOPES, J. J. M. *Então somos “migrantes”*: espaço, lugar e territórios de identidades em crianças migrantes. 2003. 241 f. Tese (Doutorado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2003.
- LEONTIEV, A. N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 12. ed. São Paulo: Ícone, 2012. p. 59-83.
- LURIA, A. R. Diferenças culturais de pensamento. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 12. ed. São Paulo: Ícone, 2012a. p. 39-58.
- _____. O cérebro humano e a atividade consciente. In: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 12. ed. São Paulo: Ícone, 2012b. p. 191-224.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. Livro 1, v. 2.
- _____.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MELLO, S. A. de. Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 83-104, jan./jun. 2007.
- _____. O lugar da criança na pesquisa sobre a infância: alguns posicionamentos na perspectiva da teoria histórico-cultural. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 2, p. 183-197, jul./dez. 2010.
- MÉSZÁROS, I. *O desafio e o fardo do tempo histórico: o socialismo no século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- NATIVIDADE, M. R. da. *O trabalho na sociedade contemporânea: os sentidos atribuídos pelas crianças*. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)–Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- _____.; COUTINHO, M. C.; ZANELLA, A. V. Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 1, n. 1, p. 9-18, jan./jun. 2008.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa II: a maldição de Adão*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- _____. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Notas

- 1 As crianças migrantes são das cidades de Pirituba-SC, Biritunga-BA, Rio de Janeiro-RJ, Eunápolis-BA, Serrinha-BA, Feira de Santana-BA e Belém-PA.
- 2 “Lá onde eu morava...”; “Lá na minha cidade...”; “Lá era assim...”; “Lá não tinha isso...”, são inícios de frase bastante comuns nas falas dos adultos e das crianças migrantes que participaram desta pesquisa.
- 3 Concordamos com o sentido de lugar proposto por Lopes, sendo este “‘uma totalidade histórica, socialmente construída’ (FRANCO apud LOPES, 2003, p. 86), como um fragmento sócio-temporal de uma realidade mais ampla e que nos convida a revelar sua essência”.

Soraya Franzoni Conde

sorayafconde@gmail.com

Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

UFSC

Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima – Trindade

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

CEP: 88.040-900

Karina Strohhaecker Lisa Alcubierre

karinasla1983@gmail.com

Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Professora de Educação Infantil – Prefeitura Municipal de Florianópolis/Núcleo de Educação Infantil Colônia Z-11 (PMF)

N.E.I. Colônia Z-11

Rua Desembargador Ivo Guilhon Pereira de Mello, 64 – Barra da Lagoa

Florianópolis – Santa Catarina – Brasil

CEP: 88.061-289

Agradecimentos

...a todas as crianças, filhos e filhas de famílias trabalhadoras, que migram pelo Brasil e pelo mundo. Que venha a transformação da realidade para que um dia elas, e todos nós, possamos migrar pelo reino da liberdade e da experiência humana e não pela necessidade em sobreviver.

Agência financiadora

Não se aplica.

Contribuições dos autores

Karina Strohhaecker Lisa Alcubierre: mestranda autora da dissertação de origem do artigo. Soraya Franzoni Conde: orientadora da dissertação de origem do artigo.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação

CAAE: 59720116.7.0000.0121.

Todas as crianças foram autorizadas por seus pais responsáveis a participarem da pesquisa e as famílias participantes também assinaram consentimento para participarem. Todas essas informações constam nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFSC. A pesquisa de campo também foi autorizada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis e também está constado tal autorização pelo número CAAE.

Consentimento para publicação

Possui e foi autorizada pelos sujeitos adultos e responsáveis pelas crianças participantes da pesquisa. Tais consentimentos estão declarados nos TCLEs aprovados pelo Comitê de Ética da UFSC.

Conflito de interesses

Não há conflito de interesses.